

ESTILHAÇOS – POEMAS PROIBIDOS



Evelyn Móos 052.362.687/88 - 50.094.592-2

Editora Estrel@ contato 27 999039230

Joaoangelodecastro73@gmail.com

Vitória. Esp. Santo 22 de Agosto, 2021

Edição do Autor- Câmara Brasileira do Livro

Literatura brasileira. Estilhaços – Poemas Proibidos (romance)

Dedicatória...

*“Á Larah Melim, minha inspiração... com minha gratidão eterna...
Á meus saudosos pais e ao meu tio Patrick que já descansa em paz...”*



Prefácio

Este romance de Evelyn Móos trouxe-nos um pouco daquilo que ela buscava, ainda que inconscientemente, quando só queria paz... Ainda assim, cada verso, cada frase, pode ser um fragmento de algum de seus poemas os quais ela tem escrito ao longo de sua trajetória e com certeza dão cores ao mundo em que essa mulher aventureira vive.

Evelyn Móos pretende nesse livro, contar com toda simplicidade, relatos que revelam um enredo de profunda sensibilidade, diante da mediocridade humana. Toda a narrativa é feita na terceira pessoa, como se ela nos trouxesse a história vendo-a do lado de fora.

A verdade é que, sob o campo visual, há em suas palavras, uma necessidade urgente de nos contar de seus sentimentos de afeto, prazer e amor... em sua forma natural, o amor desprovido de pudores e hipocrisias... o amor de carne, suor e de toque na pele... que tanto nos faz falta, da forma que o conhecemos, há muito...

Sem jamais desmistificarmos os sentimentos e preservando os valores, abrem-se as cortinas para os olhares que deixamos desencontrar na agitação dos nossos dias, fazendo com que os prazeres mais profundos dos seres humanos se passem despercebidos em nome de nossas vaidades e preocupações... Ah... E quão fúteis essas são...! Daí a vida estilhaçada... O que terá vivido e sentido Eve quando buscava apenas a paz em um recanto que lhe permitisse trabalhar? Medo? Ódio? Pavor? Excitação? Só mesmo ela saberá descrever nas linhas e entrelinhas desse romance que por fim, nos revelará o sentido mágico de suas poesias...

Vale dizer que o leitor encontrará neste enredo um eu lírico dramático, também sensível às imperfeições humanas.

*Alexia Fernandes Rabello,
15 / 07 / 2022 Vitória, Esp. Santo*



Capítulo 1

Quando seu carro, enfim alcançou a rodovia, Evelyn percebeu que era aquilo mesmo que queria... Há muito que lhe faltava o ânimo, o ímpeto, a coragem necessária para que vivenciasse novas aventuras, novas histórias em sua vida.

A paixão como escritora estava sendo deixada de lado enquanto tentava sustentar seu casamento, mas passados 12 anos, beirava o enfado. Sentia o desgaste a cada dia, a cada palavra de agravo.

Quem não gostou nada dessa ambição pela retomada em sua rotina de escrita foi Alejandro.

Aliás, para ele, como marido, isso não era motivo suficiente para uma separação agora.

Fez com que Evelyn pensasse ainda por um tempo.

Tinha ainda em jogo a idade deles, ele a essa altura beirando os 50 e Eve no alto de seus 46.

“_Recomeçar, recomeçar agora... dizia ele, já é bem tarde...”

_De certa forma sim, respondeu Evelyn, mas a cada dia que se passar, mais tarde ainda será para nós... Por isso decidi agora... Antes tarde do que nunca... Isto é, acho que será melhor, ou não?

Em questão, para ela estava o fato de ter os três filhos criados e o que precisava recuperar agora era a carreira que estava deixando adormecida.

Não pretendia desfazer-se de tudo que construíram até ali. Queria tempo que lhes permitisse encontrar novas possibilidades.

Sabia que amava e foi amada por Alejandro, mas ao mesmo passo, o relacionamento esfriava á medida em que ele tornava

tudo mais difícil quando Evelyn resolvia sentar-se frente ao computador. Então uma noite ela disse:

_Vamos reescrever nossas histórias? Assim cada um pode rever as escolhas e ver o que será melhor pra nós dois... O que acha?

Lembrava-se dessa cena agora quando em seu carro viajava em direção ao balneário de Barra do Sahy, no litoral norte do estado.

Além de suas roupas, bijuterias e sapatos, em sua bagagem trazia os seus inseparáveis livros, seu notebook, celulares e outros itens básicos de sobrevivência, como gostava de explicar...'' perfumes e demais pertences que toda mulher gosta de usar''... sorria ela.

A casa no sítio em que vivera boa parte de sua juventude e que pertencera á seus avós, estava agora sob posse e cuidados de seu querido tio Patrick.

Contudo, Patrick trabalhava comandando operários em uma fábrica mais ao norte do estado, assim, acostumou-se a estar em seu sítio apenas nos finais de semanas.

Sua última esposa, Meiriane, fôra a derradeira mulher que esteve por alí, já fazia uns dois anos...

A casa estava quase que completamente abandonada, apenas vijiada pela vizinhança e poucas vezes era feita a limpeza por lá.

Evelyn pensou nisso tudo em questão de segundos, sentindo o toque do vento em seu rosto, esvoaçando seus cabelos castanhos... Então, resolveu acelerar um pouco mais. Parecia ansiosa. A estrada onde se encontra agora é bastante deserta, ainda que haja a claridade do sol, mas sendo já perto das 17 hs, logo vem o pôr-do-sol e a noite. 09

Sua preocupação faz sentido, pois no km 37 da rodovia escutou-se o estourar de um dos pneus de seu carro e tudo que teve tempo de fazer foi imediatamente encostar o veículo.

Capítulo 2

Antes de sair do carro, xingou, esbravejou e socou o volante com as duas mãos, como se isso fosse resolver alguma coisa... Tentou manter a calma, mas ao ver um grampo que perfurou o pneu dianteiro direito, sentiu-se injuriada com todos, inclusive com as aves que cantavam...

Não tendo nenhuma outra escolha, respirou por alguns minutos encostada no carro e então foi retirar o estepe, a chave e o macaco hidráulico para fazer a troca do pneu. Percebia enfim, que realmente estava só na estrada...

Então brincando com os passarinhos, resolveu assobiar...

Não era a primeira vez que Evelyn fazia a troca de um pneu de carro, claro que não... Ainda assim, suas mãos às vezes deixavam escorregar a chave, ou o estepe lhe parecia pesado de acordo com seu cansaço... Ou sua delicadeza destoava da força que usava o macaco...

Porém, como mulher que se habituou a lutar e vencer as adversidades, aquilo para ela seria fácil.

Estava ainda abaixada tentando retirar o pneu quando notou que passou por ela um outro carro. Estava numa velocidade média de aparentemente 80 km / hora. Além do motorista, viajava um carona. Evelyn não deu muita importância e continuou seu trabalho.

O que a moça não percebeu, foi que a aproximadamente 300 metros, aquele mesmo carro preto parou no acostamento e o carona teria descido, tendo o motorista do veículo saído dali com o carro, deixando o tal indivíduo para trás.

Nesse instante, o homem se aproximava dela como se demonstrando interesse em ajudá-la...

_Que espécie de gente larga esses grampos de aço numa estrada como essa? Disse ela ao notar que o homem chegava cada vez mais próximo.

_Tenha calma moça. Posso lhe ajudar de alguma forma?

_Nem sei... Estou tão apressada... Meu marido está adiante, quando ver que nos afastamos, deve voltar me procurando, respondeu ela com certo temor pelo estranho. Se puder ajudar...

_Bom, eu resolvi descer do carro quando vi que estava aqui precisando de apoio... Também não posso me atrasar... Sabe, o meu amigo., o Edgar, vai me esperar no posto que tem por ali...

_Bom, tudo bem, agradeço... Mas acho que vai ser fácil... E olha, consegui. E retirou o pneu.

O homem, que se apresentou como Peterson, se adiantou pegando o estepe que estava ao lado do carro e foi colocá-lo. Evelyn então guardou o pneu estourado e volta com o grampo.

_Como podem largar isso pelas pistas? Isso poderia ter causado um acidente grave, não é verdade?

_Sim, moça, e como é mesmo seu nome?

Sua pergunta demorou alguns segundos pra que ela entendesse. Parecia um tanto apreensiva agora. 11

Capítulo 3

_Moça, e como é mesmo o seu nome?

_Ah, desculpe, esqueci de dizer... Meu nome... Pode me chamar de Evelyn, é como me conhecem por aí... seu Peterson.

_Peter, pode me chamar de Peter. Mas, veja bem, isso de deixarem esses grampos perfurantes em asfaltos, acontece muito por aí... e... em geral é coisa de assaltantes... Você sabia disso?

_Sim, claro... A gente sempre ouve falar muito disso, mas... Quem diria não é? Sorriu ela.

_Bem, por sorte seu pneu já está trocado, responde Peter. E continuou : O que pude fazer foi te ajudar. Assim, levantou-se depois de ter trocado o pneu.

_Ah... Maravilha... Só posso lhe agradecer...

_Não se preocupe moça... E olha, muito cuidado nessas estradas...

_Certo, mas... A propósito... Não vai encontrar seu amigo Ed ?

_Ah sim... Mas agora acho que vou a pé... responde ele.

_De jeito nenhum. Você entra comigo no carro. Vou te levar até onde o Ed está.

_Bem, se assim você sentiu de fazer. E... Evelyn... se o seu marido não se importar, claro...

_Ah não, imagina... Até porque, meu marido deve estar um pouco depois de onde o Edgar deve estar te esperando, não é? Bem, não sei... Eu disse que acho...

Petereson entrou no carro e os dois seguiram de volta pela rodovia. Só agora, quase uns quinze ou vinte minutos após ter estourado o pneu, que Evelyn notava outros carros trafegando na via. Do mesmo modo, pensou, tinha dito ao desconhecido que o seu marido a aguardava adiante para que isso a resguardasse de uma possível investida por parte dele.

Agora dirigindo, alegre outra vez, mantém uma certa precaução quanto ao fato de não se conhecerem e de estar desprotegida ali.

Capítulo 4

Peterson usa um grosso cavanhaque, coisa que aos olhos dela parece um tanto quanto antiga.

_ Você sabe, Peter... Vou te dizer uma verdade...

_ Hum e qual seria ? Fiquei curioso...

_ Eu estou daqui pensando... Onde será que está o Edgar agora... e olhando pra você...

_ O que? Essas mulheres sempre nos surpreendem... sorri ele.

_ Não, não é nada demais... Bobeira minha... É que pensei em duas coisas ao mesmo tempo...

_ Ah... Agora sim, aumentou a curiosidade... e o homem deu uma leve gargalhada envaidecido.

_ Nada demais, moço. Deixa eu te explicar... é que eu sou escritora... e conhecendo de perto um homem com o nome de Peterson, pensei “ que histórias ele não teria pra contar”?

_Olha... encantador, Evelyn... E por incrível que pareça também adoro ler... escrever, não muito. Mas adoro ler... Romances... Os mais tórridos... cheios de paixões...

A mulher achou engraçado o jeito que ele falava e gesticulava...

_Sim, perfeito, disse ela. Eu amo escrever... Também adoro crônicas, poemas e contos...

_Hum... Maravilhoso! Que incrível! Na adolescência eu adorava dissertar poesias... No colégio estava sempre entre os melhores... Amava o teatro... Aí cresci e me apaixonei por contos...

_Ah... que incrível! Admira-se Evelyn...

_Sim, sim... os contos têm minha predileção. Principalmente os contos de suspense e de terror!

Evelyn fez menção de parar o carro próximo ao posto de combustível, mas, como ambos viram que não estava ali o tal carro preto de Edgar, continuaram seguindo viagem pela rodovia após o Peter pedir:

_O Edgar é mesmo um grande filho-da-mãe... Deve ter me deixado pra trás... Agora sim... Mas, olha, se você puder, Evelyn, por favor, me leva mais adiante... Lá na frente eu sigo...

Estava claro que ela ia o levar. Só fez questão de perguntar aonde ia, qual destino era seu lugar.

Peter explicou a Evelyn que viajava em direção à Vila dos Quinze, um outro balneário no norte do estado, que fica aproximadamente a uns 10 quilômetros acima de Barra do Sahy, que aliás ela disse antes a ele que seria o destino dela.

Capítulo 5

Ela quis saber mais, o porquê dele ter ficado 'esquecido' por Edgar e o porquê de estar viajando praticamente sem nenhum de seus pertences a não ser uma pequena bolsa de couro...

Mas tudo que Peter explicava era que estava voltando para sua cidade e que Edgar estava 'se saindo um ingrato'.

Peterson puxou um cigarro...

_Você fuma? Perguntou á moça.

_ Atulamente tenho evitado. Só mesmo quando estou escrevendo ou bebendo...

Então ele tragou aquele cigarro sem dar mais uma palavra. Não conseguia entender uma coisa que lhe alucinava a cabeça desde que a moça se identificara:

_Putz, estou aqui tentando imaginar: de onde você tira suas histórias?

_Minhas histórias? Ora... Veja bem... Esse simples encontro nosso, bem ao acaso, pode se tornar uma história, não é verdade? Pois é... Coisas do acaso, são as melhores histórias...

_Que coisa louca! Disse ele...

_Como assim? Você acha?

_É lógico! É como se a pessoa fumasse um baseado e pahm! Viajasse numa história...

Evelyn sorriu com a comparação...

_Desse jeito vou preferir encerrar sua carona por aqui...

_Oh, não... Não estou comparando com maldade... Não, por favor... Sabe o que é?

_Não, eu entendi... é que eu ia dizer que ia fazer você me trazer esse tal "baseado"...

Agora era o Peter que caía na risada. `Quer dizer que a moça curte um? Bem, vou lhe explicar a verdade... Ou, um pedaço dela. A verdade é que no carro em que o Edgar está viajando, está um carregamento que você não faz idéia. E pra ser bem sincero, eu acho que aquele filho-d´uma-égua vai querer "passar a rasteira" em mim... Eu bem que já esperava...

_Nossa... disse Evelyn surpresa. Mas, então porque saiu do carro que você vinha com ele? E afinal, qual é sua parte nisso?

_Psiu... responde o homem á ela. Essa é a outra parte da trama. Agora melhor não perguntar mais... Pode não gostar do fim da história...

_Ou pode ser que eu goste tanto que queira pôr em um livro... completou Evelyn.

Os dois se entreolharam e deram uma risada. "Você parece ser bem louquinha, menina..."

_Nem tanto... Nem tanto... disse ela. Mas... gostei disso, completa ela... e nova risada...

_Quem é que está entrando aí? Ouviu-se uma voz, quando já por volta de quase 7 horas da noite, Evelyn entrava na casa do sítio em Barra do Sahy. Quem está aí?

_Sou eu, seu Torquato. Sou eu... Sou eu, Eve.